



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETTRAS

EDITOR — Ernesto Zenoglio
 DIRECTOR E PROPRIETARIO — J. Pedroso Amado
 CHEFE DE REDACÇÃO — Valentim T. Costa e Silva

ASSIGNATURA

Portugal e Ilhas	3 mezes.....	Rs. 5300	Estrangeiro.....	3 mezes.....	Rs. 5900
	6 ".....	" 5600		6 ".....	" 15800
	12 ".....	" 13200		12 ".....	" 35600

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Redacção e Administração
 Travessa da Queimada, 42, 1.º — LISBOA

Composição e Impressão
 C.ª Typographica - R. do Ferregial de Baixo, 12



Dr. Alfredo de Magalhães

Anno 1.º — Numero 3

1.ª SEMANA DE ABRIL DE 1911



EXTRANGEIRO

Paris 4 — Os parisienses acabam de assistir a uma das suas festas mais populares, a *Mi-Carême*, que hoje tem um character quasi official.

Todos os annos os mesmos figurantes, os mesmos carros, a mesma ausencia de phantasia, e da parte da multidão a mesma curiosidade indifferente, a mesma alegria ficticia, desprovida dos estrangeiros que a caracterisavam em tempos idos.

Jeanne Quéru, a rainha das rainhas de Paris, não é uma oberana de carnaval. É uma rainha do trabalho que deve o septro, á estima das collegas e á sua bóa reputação.

Esta realeza ephemera é um documento de bóa conducta e um testemunho de consideração



Jeanne Quéru

A *Mi-Carême* da actualidade differe muito do que era antigamente.

Sob o regimen de Luiz Philippe, não tinha, o porte official, que hoje chega ao ponto de seguir um itinerario determinado e approved pelo perfeito da policia, fazendo escala pelo palacio presidencial. Era um *pelé-mêle* pitoresco, o espectáculo mais original e extravagante do Paris d'aquelle tempo.

As festas começaram pela recepção, na casa da camara, das rainhas de Praga, Bozena Skoupawa, Annetta Horova e Helena Sykoro-va e da de Paris, Jeanne Quéru.

Das tres rainhas tchèques, a eleita rainha das rainhas foi Bozena Skoupawa, uma formosa loira de 18 annos.

O cortejo formou-se em frente do Hypodromo, na praça de Clichy, e depois de percorrer um longo itinerario chegou á *ma'rie du Temple* onde se dispersou.

As rainhas tomaram logar em *landaus* para se dirigirem á recepção que lhes offereceu o perfeito da policia.

Madrid 4 — Vae ter o grande prazer de admirar uma das distinctas actrizes francezas, Cecilia Sorel, da Comedia Franceza, que ali irá dar uma série de representações no theatro da Princesa.

Cecilia Sorel não é uma das tantas actrizes a quem se tem concedido as palavras da celebridade por um trabalho irreprehensivel.

Cecilia Sorel parece ter comprehendido que a phantasia, e gosto da vida, o conhecimento das coisas d'arte, das letras lhe são necessarias á sua



Cecilia Sorel

missão de traduzir os poetas e de representar sobre o palco d'um theatro toda a escola dos sentimentos dados pelos auctores dramaticos ás heroínas das suas peças.

Cecilia Sorel não é uma celebridade de favor. É uma verdadeira artista, e seja dito de passagem, uma formosa e elegante mulher.

Convidando-a para uma série de representações, teve o theatro da Princesa uma feliz inspiração.



A aviadora Elena Dutrieu

No aerodrom da Ciudad Lincal realizou á dias, a intrepida aviadora, Elena Dutrieu um vôo notavel de sete minutos, levantando-se a 500 metros; chegou até ao retiro e voltou ao ponto de partida sem qualquer accidente, causando enorme sensação na numerosa assistencia, pois que este foi o melhor vôo que se tem presenciado em Hespanha, sendo a intrepida aviadora a primeira mulher que realizou vôos em Madrid.



O torneio de xadrez em San Sebastian

Um cubano de 23 annos vence os melhores jogadores do mundo

No torneio internacional de xadrez, que ha varias semanas se vinha realisando em San Sebastian, e no qual tomaram parte os mais notaveis campeões de todos os paizes, terminou com o colossal triumpho do cubano Capablanca. Mais novo que nenhum dos seus rivais, pois só conta vinte e tres annos, Capablanca conseguiu o primeiro premio de 5.000 francos, por nove pontos e meio. Entre os seus adversarios só dois um russo e um austriaco, chegaram a nove pontos.

Capablanca é campeão de xadrez da raça latina. Desde muito novo se revelou como um prodigio, e aos cinco annos jogava partidas com seu pae, que era então official do exercito hespanhol.

Aos quatorze annos alternava com os mais habéis jogadores do seu paiz e sempre os vencía.

Capablanca acaba de demonstrar que será um prodigio.



A saia-calção já se usava em Hespanha

A debatida saia-calção que tantos escandalos tem provocado, é usual em varias regiões de Hespanha. E foi talvez esses modelos que fizeram sonhar as modistas de Paris. Essa extranha endumentaria usam nas suas fainas de campo as mulheres de Tomelloso e Argamasilla de Alba, da provincia da Ciudad Real. Estas mulheres que usam a *jupeculote*, completam o seu traje enrolando uma saia á cintura que cabe por detraz em forma semelhante a uma casaca e vestindo umas calças de homem. Ninguem se assombra nem se scandalisa vendo assim vestidas as pobres mulheres, que se vêem burladas por nós, se chegam a saber o que se passa nas capitães civilizadas, onde as modistas parisienses querem introduzir a *jupeculote*.



Cyclismo

Com a aproximação da primavera é natural que o cyclista principie a preparar a sua bicyclete adquirindo qualquer peça estragada, oleando-a e afinando-a de forma a que ao primeiro dia de benefico sol, elle possa saltar no selim e fazer um bom e hygienico passeio.

Muito se tem escripto a favor e contra o cyclismo, mas pesando bem os beneficios e males que elle acarreta a quem o pratica, não ha duvida que as vantagens são em muito maior numero; senão vejamos algumas considerações:

O andar de bicyclete considerado como exercicio, é um admiravel elemento para o desenvolvimento muscular, para o que basta ser executado ao ar livre para que com sabia orientação o possam praticar homens fortes ou debéis.

Uma bicyclete é o meio de transporte dos mais simples e baratos, podendo-se com ella percorrer enormes distancias, levando-nos de prompto ao campo onde podemos respirar um ar mais vital do que aquelle que se respira no ambiente das grandes cidades, e esta razão não é d'aquellas que devemos desperdar, assim como a do cyclista depender unicamente de si, e não de outrem, como succede em outros ramos de sport.

Os argumentos de que geralmente se servem aquelles que querem menospresar o cyclismo, são os seguintes, aos quaes vamos oppor as razões que nos parecem justas.

É perigoso. Não ha duvida que o é, mas digam-me o que é que pela vida fóra se não encontra erriçado de espinhos? Quem pacatamente caminha, e muitas vezes na missão de desempenhar os seus afazeres, não lhe poderá succeder qualquer desastre? Certamente que sim. Demais, as bicycletes que hoje se encontram no mercado, são providas de fortes travões e de uma solida construcção. Com raras excepções os desastres succedidos são devidos á impericia do cyclista que, ou quer fazer prodigios de acrobatismo ou alcançar velocidades para o que se não encontra apto. Em resumo, não é mais perigoso do que qualquer outro genero de sport.

Diz-se que o andar de bicyclete é um exercicio que desenvolve muito parcialmente, interessando unicamente as pernas. Não nos parece que assim succeda, e haja em vista que o principiante depois de uma hora de exercicio se queixa de lhe doerem mais as costas e os braços do que as pernas; ao principio o equilibrio é uma difficuldade, mas depois torna-se automatico; assim, conservar a posição erecta sobre a machina, traz interessada uma extensa ordem de mus-

culos, ainda que seja empregada uma pequena dose de força muscular.

A posição vertical é, a nosso ver, a mais higienica, os hombros recuados, a cabeça levantada e os cotovellos unidos ao tronco impelindo a machina com a ajuda do selim que deve ser bem collocado.

Usualmente, imitando os cyclistas que entram em provas de corridas, vemos usar o guiador denominado de meia corrida, que não nos parece util para passeio, mas sim o guiador *touriste* que reúne condições para conservar a posição a que nos referimos.

Pedalar, é sem duvida praticado em larga escala pela junta da anca, devendo mover-se o pé e a perna acompanhando o movimento do pedal; muitos dos nossos cyclistas, ou por deficiencia de ensiao ou por negligencia, põem parte estes perceitos, que são de bastante utilidade quando se pretende fazer do cyclismo um exercicio pratico de desenvolvimento physico.

A União Velocipedica Portuguesa organisou o decimo congresso de velocipedia que na passada semana se realisou. Lamentamos unicamente que ao congresso se não tivessem apresentado theses de valor como era de esperar; uma das sessões somente contribuiu para louvaminhar pessoas a quem comtudo não contestamos merecimento. e a outra trouxe soluções de bem pouco valor, como se pôde ver pelo noticiario da imprensa diaria. E havendo tantos assumptos de reconhecida utilidade sportiva a tratar!

RIMULO



Despedida da Yvette Guilbert — estreia do orpheão academico de Lisboa—concerto Rey Colaço.

No nosso meio musical sempre tão acanhado, quando temos assumpto é com verdadeira alegria que lhe deitamos a mão, para não estarmos a passar tempo com assumptos de lá de fóra. Esta semana, até ao momento de escrever estas linhas, houve tres factos artisticos dignos de fallarmos n'elles; vamos que é já termos sorte!

As récitas de Yvette no *Republica*, alvo- roçaram meia cidade. Artista de grandes qualidades e d'uma instrucção pouco vulgar, enthusiasmo com a chamma do seu grande talento, todos aquelles que tiveram a felicidade de a ouvirem. Não é uma cantora de voz, não; é uma grande actriz sem voz, e encarand-se a forma como hoje a *arte de canto* se apresenta é assim o ideal da cantora. Que importa possuir voz quando ella não é acompanhada da *arte de dizer*? Na *matinée blanche* dada no domingo, ouvimos-lhe sete seculos de canções, e na *causerie* que Yvette nos proporcionou fez-nos a descripção d'essas sociedades antigas em que os trovadores, *jongleurs* e menestreis, can-

tavam o amor, a paixão, a vida nas suas luctas, nas suas alegrias.

Yvette disse que o publico portuguez comprehendeu bem a canção, embora, estava d'isso segura, não tivesse comprehendido bem o seu mysterio, mas espera para o anno o venham a comprehender.

Que volte, que volte, é o nosso constante desejo.



No theatro de S. Carlos realisou-se no domingo á noite a estreia do orpheão academico de Lisboa, sob a habil regencia do professor Guilherme Ribeiro. O numero dos estudantes é bastante grande. Porém devemos desde já dizer que cantaram com pouco fogo sagrado. As massas coraes precisam de muita vida na execução dos trechos, para que o collorido nasça cheio de contrastes. Estarem a cantar como se estivessem a *cumprir uma obrigação*, o resultado é bastante fraco! Todavia apontaremos o côro dos caçadores de Weber que foi bem cantado. Taremos o maximo prazer para que nas futuras execuções cantem com mais arte.

O resto do espectáculo foi preenchido com a Tuna que tocou muito bem, sob a regencia de Paiva de Magalhães, e varios numeros de concerto, discursos, etc.



No salão do Conservatorio realisou-se um magnifico concerto organizado pelos distinctos artistas Rey Colaço e Pedro Blanch. Dedicado á memoria de Lutz, foi uma festa de verdadeira arte e que deixou as melhores impressões.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



TIROS CERTEIROS

O Carlos d'Oliveira com esta questão de *tournées* e passeiatas, faz-nos lembrar aquelle engajador de emigrantes americano, que ha pouco tempo esteve em Portugal arrebanhando homens, mulheres e creanças para os levar para as ilhas Sandwich.

—O Telmo, coitado, parece estar muito mal da bôcca; não se percebe nada do que elle diz no palco.

Se calhar é do charuto! . . .

—Ainda assim, quem vae melhor no *Papão* é o Christianno de Sousa e a Judith de Mello . . . São os que fazem melhor figura . . .

—Tem levantado grande celeuma o caso de virem agora pretos representar para brancos. Tenham paciencia, vocês julgavam que estavam a representar para pretos...

Virou-se o feitiço.

—O Christianno de Sousa, não quiz saber dos ensaios do *Papão* com receio de que lhe faltasse a arte para as *Surpresas do divorcio*.

—Já se falla tambem n'uma *cuadrilla* de toureiros pretos. Actores e toureiros pretos! é caso para os artistas brancos tingirem a cara de preto.

—A cabeleira do Antonio Costa no *Papão* cada vez está mais desafinada. Desejamos lhe promptas melhoras...

—Ha uma actriz no *Republica* que está tão fraca que vae tratar-se a caldos de Chay...

—O Telmo no *Papão* muito gosta de dizer O' filho, O' filho .. mas que mania ..

—Perguntam-nos porque é que ainda não foi presa a Delphina Victor. Porque anda com soltura . . .

—O' Albertina não faças essa boquinha quando fazes de zangada... parece um . . . não sei què de gallinha... .

—O' Angela levas no passeio o teu primo Luiz? Ah! desculpa-me não me lembrava de que já não estás de *preto*... .

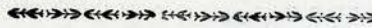
—E o chicote no *Papão* a ouvir-se da direita e elles a irem á janella da esquerda!..

—Consta que o Gymnasio vae tomar um purgante para a proxima epocha. Está bem precisado, coitadinho.

—O Augusto Machado está melhor felizmente. Os nossos sentimentos para alguns collegas. Alguns e algumas... .

—E nós a julgarmos que a Juju do *Scherlok* era uma mulher! Afinal sahiu-nos uma creança, pelo menos é o que resa o retrato que a Laura encontra na pasta . . .

—Ao Alegrim percebe-se-lhe a differença . . . representa muito melhor e já não anda com aquella cara, de a quem a bôcca lhe sabe a ferros velhos.



CRÊS TU? SIM OU NÃO?

Que o fogo d'amor
Nas veias me gira,
E que só m'o inspira
Moral perfeição,
Belleza e candor;
Crês tu? Sim ou não?

Teu gesto divino
A face rosada
E a trança annelada,
Que é doce prisão,
Roubaram-me o tino;
Crês tu? Sim ou não?

Qual doido varrido,
Que esse seu pensamento
Só acha alimento,
Assim na paixão
Estou embebedo;
Crês tu? Sim ou não?

Sem ti, ó meu bem,
Não posso viver,
Teu mago poder
E' como um grilhão
Que preso me tem;
Crês tu? Sim ou não?

O sonho enganoso,
A's vezes, querida,
Me faz ver-te unida,
Ao meu coração,
Em rapido goso;
Crês tu? Sim ou não?

Nos braços te aperto
E beijo o semblante...
Porém, n'esse instante
Me foge a illusão...
Accordo... desperto;
Crês tu? Sim ou não?

JOSÉ AMARAL FRAZÃO.

Dr. Alfredo de Magalhães

Declarara-se na Madeira a epidemia do cholera.

A população local aterrada a velhos usos e costumes opunha-se com tenacidade á expansão de medidas repressoras do desenvolvimento do terrível mal; era necessario, absolutamente necessario mesmo, um homem de poderosa capacidade medica e de raras faculdades de orientação para que, sem violencia, mas com energia, levasse o povo madeirense á percepção da necessidade de defendendo-se da epidemia detender a propria vida.

Foi então que o governo da Republica, n'uma acertada orientação, enviou á Madeira com poderes precisos a uma benefica acção o dr. Alfredo de Magalhães

Não como Cesar, chegou, viu e venceu; a sua missão foi espinhosa, semeada de escolhos de velhas theorias e preconceitos, mas com energia, sem caracter de o ser, foi semeando com o carinho do lavrador que semeia o seu pão, as medidas carecentes ao desempenho feliz da missão que á Madeira o levára, e á *noblesse* do seu nome de medico archi-distincto.

Alfredo de Magalhães não tem sido um medico, que defendida a these e tirada a carta, não mais pensou nos livros, fazendo da sua profissão modo de vida

Não, na regencia da sua cadeira na escola medica do Porto, no seu consultorio, rodeado dos seus queridos livros, elle tem fornecido ao seu cerebro de uma larga capacidade as mais bellas leituras da sciencia ingrata que com tanta profissencia cultiva.

E se não fóra a sua grande profusão de conhecimentos, um coração formado para o bem em tudo quanto o permite a accepção da palavra, como teria elle podido levar a bom termo a ingrata missão de devastador de um flagello que ameaçava a Madeira?

Sem caracter de uma biographia, ella e'tá feita por penas brilhantes de Lisboa e Porto, as nossas palavras não traduzem o que não seja um elevado grau de admiração por esse verdadeiro homem de sciencia e portuguez de bem a quem o paiz deveu a solução de uma crise de desgraçadas consequencias se se prolongasse.

Publicando hoje o retrato do dr. Alfredo de Magalhães, honramos as columnas d'este semanario.

C. S.



Gymnasio

O Papão

Comedia em 3 actos, . . .
traduzida do allemão por . . .
J. de Freitas Branco, em . . .
beneficio de Leopoldo de Carvalho (reprise).

Na noite de sexta-feira da ultima semana, a empreza do theatro do Gymnasio fez reprise do «Papão» que ha uns dez an-

nos marcou um successo de gargalhadas, e dizem os que se lembram (não nós) de então terem visto a peça, que o desempenho fóra magnífico.

Nós só agora a vimos e concordamos que em verdade o espirito d'ella é muito mas que mais teria realçado, se harmonia houvesse entre os que tiveram o encargo de agora a desempenhar, harmonia prejudicada por factores que devem ser muito e muito attendidos por todos aquelles que ao theatro dedicam a sua actividade; senão veremos:

O que em primeiro logar nos feriu a attenção foi a marcação acanhada, sem vida, tendo em algumas scenas processos modernos de viver as figuras e em outras antiguidades que prejudicam os efeitos, taes como as que do meio do primeiro acto até final d'este, aparecem.

A impressão que se nota é de que foram observadas, ainda que mal, as rubricas e chamadas do original archivado nas poirentas prateleiras do theatro do Gymnasio. Poirentas sim, porque n'este theatro a poira vive tranquilamente como qualquer mortal egoista em sua casa!

Dos artistas que da primeira vez representaram o «Papão» só estão no Gymnasio os srs. Telmo e Cardoso, pois será por estes senhores que começaremos a apreciação do desempenho.

Mas antes, como uma especie de prologo, diremos que segundo velho e tradicional costume d'aquelle theatro, de ha algumas epochas para cá, a respeito de sabedoria dos papeis. . . uma lastima.

O que seria d'aquellas creaturinhas se por infelicidade o ponto, não nas mesmas circumstancias acontecidas com o celebre actor francez Laferrrière se perdesse?

Nem pensal-o é bom!

Telmo como não sabia palavra e para evitar desastres de maior, em logar da phrase aberta e bem pronunciada, limitou-se a balbucial-a, e por vezes não havia forma de perceber o que elle dizia.

Teria elle comido algum rabuçado que pelos dentes se tivesse alojado, pegando-os uns aos outros?

Cardoso, sentindo-se do velho defeito de quem cristalisou em um theatro annos e annos, ainda que bem arranjado e tendo cuidado, não nos satisfiz, dando a pintara vida demasiada que deu ao seu papel.

Cesar de Lima, como ouve dizer que o publico do Gymnasio o que quer é rir, forçou de mais o feitio do personagem que desempenhava á mistura com algumas outras deficiencias, entre as quaes, para exemplo, lhe apontamos a entrada em scena de volta da marcha forçada que Cardoso lhe impoz.

Alegrim a quem têm chamado, com justiça, aliás, o comico de futuro, se continua no Gymnasio sob a falsa forma por como ali se faz theatro, prejudica-se e á arte que abraçou.

E' dos poucos que no «Papão» se salva, e está dito tudo a seu respeito.

O sr. Antonio Costa que figurou um architecto, deu-nos uma triste impressão pela forma como se pintou.

Então que cabelleira era aquella?

Nós não temos que ver se o cabelleiro é mau ou bom, ao sr. Costa é que temos que chamar ao cumprimento da sua obrigação.

Notamos que está tratando com desamor a sua carreira.

Olhe que faz mal. . .

Podia ter tirado mais alguma partido do seu pequeno papel e não o fez.

Por não saber? Não, porque já lhe temos notado papeis de vigor e não nos desagrado, então! . . .

O sr. Carlos de Sousa não fez do seu papel bem o que devia fazer, creia que o eterno dedo ao canto dos labios e os olhos em alvo, passaram á historia, como tudo quanto é antigo e alem d'isso devia notar no restante da peça uma phrase que tem no começo: *De alguma coisa servirá o ter feito papeis de mulher.*

Se tivesse bordado o seu papel em concordancia com aquella phrase, teria produzido alguma coisa de mais ageitado com um personagem que vestiu com carinho.

Agora as senhoras actrizes:

Começa o prejuizo pela distribuição que houve nos papeis

O que a sr.^a Sophia Guerreiro desempenhou devia sel-o pela sr.^a Ambrozina e vice-versa.

Pelo physico, a primeira d'estas senhoras, faria com mais propriedade um papel de idade pesada, em quanto que Ambrozina, tambem pela sua figura, melhór se haveria com o de uma ingenua.

Da maneira como são desempenhados os personagens, o prejuizo recebe sobre ambas.

Quanto ao desempenho havido por estas senhoras, não nos satisfiz.

A actriz Guerreiro desenvoltou o personagem demasiado para uma menina que a todo o momento espera o escolhido do seu coração e a sr.^a Ambrozina, só cuidou no pó de arroz a branquear-lhe o cabelo, o que nunca dá resultado, n'um rosto em que se não dão os traços caracteriscos d'uma creatura dos seus cincoenta invernos.

Além d'isso tem uma tal preocupação com os braços, que empresta ao publico a *gaucherie* dos seus gestos acanhados e pouco naturaes em que vivem o theatro.

Cabe agora a vez á discipula Herminia Silva, e se lhe chamo discipula, é porque está em idade de aprender, que ainda tem, e muito.

Não dispondo d'uns olhos excessivamente grandes, tem contudo n'elles um factor de primeira ordem para a sua arte.

Se estudar a maneira de fallar primeiro com elles de que com a phrase, creia que será feliz e apreciada, porque minha gentil senhora, a mascara e o gesto fazem um artista.

Tem ainda uns gestos de que a vemos abusar e que permitta lhe digamos, não deve.

Se tiver que desempenhar um personagem de baixa escala use-os, ainda que com parcemonia, mas no genero que cultiva não agrada e deve emendal-os.

Admira que o seu ensaiador ainda lh'o não tenha notado.

Maria del Carmen que temos apreciado n'algumas características, foi supportavel,

talvez mesmo bem, tanto mais que nos parece forçar por modificar o *cachê* da lingua materna.

Virginia Farrusca não nos desagradou de todo, ainda que mais o poderia fazer, se não *chorasse* tanto, o que nos não parece ser o caracter do papel.

Muito propositadamente deixámos para ultima referencia a sr.^a Albertina d'Oliveira.

Não é preciso um profundo conhecimento de psychologia, para notar que esta artista está deslocada nos papeis que representa.

E' gentil, veste com gosto, sem exagero, mobilisa a physionomia com facilidade. é sobria no gesto, e n'um outro genero, que não o que cultivava, na presente epocha, em ingenuas de alta comedia, temos a certeza que vincularia o seu nome, tanto mais que o feitto que a caracteriza não ha por ahi aos pares.

Se quer uma opinião franca e chã, mude quanto antes de theatro porque se está estragando.

Quanto á *mis-en-scene* seria providencial que umas labaredas lambessem o palco do Gymnasio, para vêr se d'esta maneira os scenographos lá teriam que fazer, e mesmo assim... quem sabe?

THELMO PAES.



Theatro da Republica

Festa de AUGUSTO ROSA

Com a devida venia transcrevemos a opinião dos nossos collegas *A Capital* e *Republica* sobre o programma e desempenho do espectáculo de 5 do corrente:

«Mais uma noite de festa, mais uma noite de asneira. Parece que os nossos mais afamados



Augusto Rosa

actores guardam estes dias de proposito para nos mostrarem que tambem sabem representar mal quando é preciso. O sr. Augusto Rosa não quiz fugir a esta lamentavel praxe já estabelecida este anno pelos srs. Brazão e Ferreira da Silva e abriu a sua noite de hontem por um comicio em prol da pobreza (longe verá o agouro) e da liberdade, auxiliado por um pastor, uma princeza, muitos passarinhos e um Cavallo branco que foi, por signal, o unico interprete que tomou a serio o seu papel.

A pecinha do poeta Lopes Vieira deve ser uma agradável coisa para se lêr, feita de versos bonitos, com o é seu costume. Assim dá uma obra mansinh a, hymno á pobreza feito por poeta rico que não sabe, que nunca viu, de certo, o drama angustioso dos miseros, a tragedia das ceifas, os combates das cannas, as mil lagrimas dos trahadores, de dente revirado contra o proprio destino que os desherdou das terras que amanhã e os acicata de fome em cada hora, para que jámais repouzem até ao dia da morte, unica consoladora d'aflictos.

Foi uma revivescencia dos pastorinhos de Versailles com sua mistura de neo christianismo, assim uma coisa como um Tolstoi galante para madamas chics com flatos de anarchismo. Lopes Vieira, intelligente como é, não pode ser enganado com elogios de cortezia, nem pode ser um seguidor da escola dos *Suavis Milagres*, que Deus haja.

Quanto ao *Espertalhão*, do sr. Schwalbach, a pateada final d'um publico justamente irritado por tanta grosseira semsaboria, dispensanos de commentarios, só lastimando que chegue a taes ousadias e desrespeito pelos espectadores. Aquillo envergonha quem o escreveu, quem o representou e quem o ouviu.

Basta de troça, senhores theatristas.

Quanto aos actores, todos mal graças a Deus, se exceptuarmos um pouco do que fez a sr.^a Adeliãa Abranches e o sr. Chaby. Justo é que se conte que o publico delirou de entusiasmo ao ouvir o sr. Augusto Rosa recitar a *Canção do vento*, do sr. Lopes Vieira. Mas que amaneirados ventos deu o sr. Rosa e que de requebrados assobios.

Mas lá que havia pessoas desvanecidas ante o singular trabalho, não ha duvida nenhuma, e, se pega a moda, teremos, mais dia menos dia, qualquer actor a imitar-nos o raio. . que os parta, que já muito se vae abusando da paciencia alheia.»

C. A.

Primeiro que tudo: uma casa cheia e deliciosamente enscenada de «toilettes» — a verdadeira enchente de festa, o mais alto, em materia de selecção e de concorrência, a que pôde chegar o desejo ambicioso de um actor em noite de... beneficio...

Era bem um espectáculo de «élites», abundando os escriptores, artistas, actores. N'um camarote vêem-se os srs. Bernardino Machado e Affonso Costa.

O espectáculo começou pela representação da peça de Schwalbach «Os quatro cantinhos», seguindo-se-lhe duas *premières*: «Rosas bravas», de Affonso Lopes Vieira e «O Espertalhão», de Eduardo Schwalbach.

As «Rosas bravas» são um delicioso acto em verso, onde se traduz a feição do poeta. E' um hymno á natureza, cantado em meio da montanha, por uma matrugada de primavera. Ao longe ouve-se a flauta d'um pastor, e é ali, sob essa toada rustica e melancolica, que se casa com a cil-reada dos pardaes, que o poeta, antigo triumphador das salas, hoje votado ao sacrificio, faz a apologia da pol-reza, «Rosas bravas» teem bellos versos, e foram primorosamente ditos por Augusto Rosa e Emilia d'Oliveira, que, com o auctor, ouviram palmas calorosas.

Ainda com o panno em cima, Augusto Rosa recitou, com muita côr e propriedade, a poesia «A dança do vento», de Lopes Vieira, que levantou toja a plateia.

«O Espertalhão» é igualmente uma bella peça. O adeantado da hora não nos permite que fallemos d'ella.

Como se calcula, Augusto Rosa foi muito ovacionado, indo ao seu camarim cumprimental-o e presental-o, numerosissimos artistas e amigos.

CLICHÉS em photogravura alugam-se na redacção d'este Semanario.



Teve, como se vê, pelo quadro que hoje publicamos, o melhor acolhimento o concurso sobre, quem tinha sido a senhora solteira mais interessante que assistiu á conferencia de Luis Trigueiros, no Chiado Terrasse.

Os nomes mais cotados são os seguintes:

D. Thereza Valente (Taboeria)	87
D. Maria Izabel de Ortigão Burnay.	84
D. Maria Izabel de Van Zeller Castro Pereira.	80
D. Maria Helena da Silveira (Castello Melhor)	75
D. Palmira Navarro Vianna Basto.	74
D. Maria Amalia de Alcobia Lemêta	70
D. Sarah Ramos Montero	70
D. Ida Santos	68
D. Lydia Rangel dos Santos	68
D. Emma Dávalos	44
D. Maria Christina Bordallo Pinheiro	41
D. Maria Roza Caldeira Coelho.	35
D. Maria Augusta de Freitas Forjaz.	35
D. Ida Quintella.	34
D. Maria Carolina Bon de Sousa da Motta Marques.	31
D. Maria Margarida Canavarro.	25
D. Maria Manoel de Canavarro Bossa	23
D. Jeanne Rey Collaço	21
D. Marianna Cardoso Castilho	21
D. Carolina Pinto da Cunha Saavedra.	21
D. Alice de Freitas Rego.	15
D. Dulce de Vasconcellos e Sá Guerreiro Nuno	12
D. Julieta Holtreman Roquette (Alvalade)	8

O concurso encerra-se no proximo sabbado recebendo-se portanto votos até essa data. — Conforme promettemos publicaremos o retrato da mais votada.

Vida Artistica Vende-se em Torres Vedras em casa do sr. Antonio A. Cabral.

Entre nós...

Chronica da semana

Este mister de chronista nem sempre é agradável de cumprir. Tenho, para fazer tal affirmativa, numerosas razões que deixo ao criterio do leitor avaliar, poupando-o á minha insonsa innumeração.

Assumpto nem sempre falta, e ás vezes variado; mas a escolha é que são ellas.

Eu podia fallar-lhes, hoje, gentis leitoras, de conspirações, de terríveis *complots* onde em tetricos *sabots*, se projectassem attentados contra a vida dos homens do governo; podia sobretudo, fallar-lhes de politica . . . oh, de politica!

Mas a nossa revista não é politica; não quer nada com esta dama, muito gentil, muito bem posta, muito elegante mas . . . sempre o *mas!* muito convencional, muito postiga.

Aquellas côres mimosas do rosto assetinado que o leitor lhe admira é . . . carmin.

Aquella elegancia de formas, aquelle dorso bem torneado, é tudo estopa e algodão em rama.

E depois, é notavel, tem *telha*, e com doidas não quero nada.

Fica pois combinado, formosa leitora e caro leitor: nas minhas chronicas não lhes falei de politica a não ser, quando muito, a simples titulo de curiosidade.

Porque, a falar verdade, a politica apresenta-nos ás vezes casos tão curiosos, tão cheios de imprevisto, tão *sui-generis*, que se não pôde fugir á tentação de os apontar.

E com isto não os enfado mais.

Até para a semana.

M.

PENSAMENTOS

«A seriedade é uma doença, e o mais serio dos animaes é o burro».

CAMILO CASTELLO BRANCO



ARTE de MONTES



Eis uma arte exclusiva do temperamento peninsular e para a qual só nós possuímos as faculdades necessarias para a verdadeira exhibição em publico.

Arte que data de alguns seculos, como todas as cousas d'este mundo, tem evolucionado até ao ponto de aperfeiçoamento em que no presente se encontra, apesar da sua principal estrutura ter resistido a toda evolução; pena é que hoje em dia não seja tão acarinhada como merece.

Para este triste resultado tem concorrido variadas causas; entre ellas a falta de aptidões de muitos artistas, que melhor seria procurarem n'outro meio o emprego das suas actividades.

Tourear não é para qualquer; é preciso ter vocação e qualidades que nem todos as possuem.

E' necessario ter bom golpe de vista, ser agil, conhecer bem as variadas sortes e empregal-as nos momentos opportunos; conhecer o gado, saber preparal-o, saber entrar na devida altura e rematar na occasião precisa como manda e ensina a arte.

Ora isto, nem sempre vemos fazer aos artistas, de forma que são elles os primeiros a concorrer para a decadencia da sua arte.

O meio de obstar estes e outros inconvenientes, é, a meu ver, a abertura d'uma escola de toureiro, isto é, uma escola-curso com todos os requisitos necessarios, onde se ensinasse, com escrupuloso esmero, theorica e praticamente a *Arte de Montes*.

Este deveria ser de dois annos, seguindo-se-lhe uma pratica nas arenas igualmente de dois annos, podendo só então o futuro artista tomar a alternativa.

Na admissão á escola devia haver o maximo escrupulo; mesmo durante o curso, cortar quem manifeste falta de aptidões.

D'esta forma o artista possuiria inegavelmente uma grande somma de conhecimentos, e assim, quando debutasse, poderia brilhar muito mais do que presentemente, e a Arte, por sua vez, nada teria a perder, antes levantar-se-hia ao nivel em que já viveu.

Oihemos com extremo para a Arte de toureiro, que ella bem o merece.

MARTO NOGUEIRA.



Theodoro e José Casimiro

CAMPO PEQUENO

Detalhe da corrida de Domingo, 9

- 1.º para José Casimiro.
- 2.º » Theodoro e Cadete.
- 3.º » Manoel dos Santos e Vieira.
- 4.º » Morgado de Covas.
- 5.º » Bandarilheiros de Bombita.

INTERVALLO

- 6.º para José Casimiro.
- 7.º » Cadete e M. dos Santos.
- 8.º » Bandarilheiros de Bombita.
- 9.º » Morgado de Covas.
- 10.º » Vieira e Theodoro.

Este programma pôde ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

N.º 2

FOLHETIM

JULIO DINIZ

Uma familia ingleza

I

Especie de prologo, em que se faz uma apresentação ao leitor

O quotidiano apparecimento do negociante estrangeiro na Praça—nome que entre nós se dá ainda á rua dos Ingleses, principal centro de transacções do alto commercio portuense—festejavam-o benevolentes sorrisos, rasgadas e pressurosas reverencias, phrases de insinuante amabilidade e affectuosos *shake hands*, segundo o mais ou menos adiantado grau de familiaridade, que cada qual mantinha com elle.

Ninguém se dispensava de qualquer d'estas demonstrações de estima; ou as impozesse o prestigio dos avultados capitães e da social liberalidade do commerciante britannico, ou—como de preferencia opinarão os que melhor conceito formam dos ho-

mens—um longo passado sem mancha, uma rectidão e cavalheirismo, aquilataados todos os dias.

Mr. Withestone não se deixava porem desvanecer com estas homenagens dos seus confrades, aliás merecidas.

Decididamente não era a vaidade o seu defeito dominante. Aspirando e sa especie de incenso moral, que tão bem formadas cabeças atorrida, não sentia, no intimo, turbar-se a limpidez, verdadeiramente cristalina, da razão, n'elle pouco sujeita a esvaimentos.

Os gelos d'aquelle coração. formado e desenvolvido a cincoenta e um graus de latitude septentrional, não se fundiam com tão pouco.

Loas, hymnos encomiasticos, capazes, ainda que em prosa, de atemorisar as modestias menos esquivas, protestos heperbolicos de veneração a todo o transe, tudo isso escutava friamente e sem nem sequer experimentar certa agradável e voluptuosa titillação da alma—se me admittem a phrase—que em quasi todos os filhos de Eva,—primeira e mal estreada victima da lisonja—produzem sempre só peneyricos do merecimento proprio, entoados por bocças alheias.

A mesma indifferença, a mesma, senão absoluta impassibilidade, estabilidade de razão pelo menos, com que, uns após outros, esvasiava copos de cerveja e calices do Porto e Madeira, de *rhum*; de *co-gnac*, de *kumel*, de *gingerbeer*, e até de absintho, libações, que a qualquer pessoa, menos inglezmente organizada, ameaçariam, em pouco tempo, com as mais pavorosas consequências de um completo alcoolismo; essa mesma indifferença e impassibilidade oppunha do effeito, não menos enebriante, das lisonjas, de que lhe enchiam os ouvidos.

A eloquencia cortezá dos seus muitos entusiastas mais do que uma vez a recebia assobiando distrahadamente, mas sem a menor affectação, o nacional *God save the queen*, ao qual marcava compasso com a cabeça ou com a bengalla.

Não se dava ao trabalho de retribuir um cumprimento com outro cumprimento. Aquelles que teem por costume semear lisonjas, para depois as colherem, em proveito proprio, encontravam em Mr. Richard Withestone terreno ingrato para tal genero de cultura: não vingavam lá.

(Continúa)

Officina de Fundição de Metaes
TORNEIRO e GALVANISMO
 Fundada em 12 6 1901
 Manufatura de todas as ferragens (em met. l para automoveis, nikelagem, etalages e varões para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.)
 Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua
 Instalações electricas
 Dourar, pratear, nikelar e bronzear
ANTONIO TELLES
 Rua Saraiva de Carvalho, 89 n.º 93

"MERCEDES"
 Machinas de escrever
 A mais perfeita e resistente
RUA AUGUSTA, 75 LISBOA
 ACCESSORIOS
 Reparações em todas as marcas de machinas
 Copias á machina
 Traducções
 Ensino de Dactylographia
VENDAS DE MACHINAS
 Telephone n.º 3066
 Agencia no Porto

ENCADERNADOR-DOURADOR
 Papellaria, Typographia
 e Artigos Religiosos
 * * 220 * *
 Rua Augusta, 222
 Telephone
 2089 * *
Paulino Ferreira
 Succursal das
 Officinas * * *
 * * de Encadernação
 movidas a vapor * * *
 92, R. N. da Trindade, 92
 * * * Telephone 1495 * * *

TELEPHONE 1436

Telegramas (Lowisky-Lisboa)

J. VILANOVA & C. a

160, Rua da Boa Vista, 162
 (ao Conde Barão)

Correias de couro, balata, algodão e pel'lo de camello. Empanques, amiantos e borrachas para usos industriaes. Grande sortido de ferragens americanas para todas as industrias. Bombas e forjas de todos os systems, engenhos de furar, etc.

Especialidade em correia de couro americano marca (LOWSKY) registada

Lubrificadores para oleos e gorduras solidas. Tubos de vidro de nivel. Cabos de couro para transmissões de força motriz, Frictolina para evitar o resvala das correias, tiz-z-tacos e demais artigos para a industria. Mangueiras de lona, de borracha, chupadores, etc.

UNICOS AGENTES: Dos motores a gazolina STOVER — Da acreditada fabrica de correias GANDY — De Turner Brothers de ROCDALE

PEREIRA DUARTE
 Cirurgião-dentista

Largo do Conde Barão, n.º 18
 (aberto até á meia noite)

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO



Para Bissau, Bolama, Praia, Fogo, Brava, Terrafal, Maio, Boa Vista, Sal, Nicolau, Santo Antão e S. Vicente.

Para S. Vicente, S. Thiago, (Fogo, Brava, Terrafal, Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santo Antão, com trasbordo, em S. Thiago), S. Thomé e Loanda, só recebendo carga, sabe do caes do Jardim do Tabaco, no dia 20, o vapor PENINSULAR.

Para S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Cuio, Egypto, Benguella Velha, Quissambo, Ambrizette, Quinzan, Quissanga, Boma, Niqui, Matadi, Landana, Muculá e Mussera, com baldeação em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes, sabe do caes da Fundição, no dia 22, o paquete ZAIRE.

Não recebe carga para S. Vicente, S. Thiago, S. Thomé e carga liquida para Loanda.

De ou para Fernand Pó recebe passageiros com trasbordo na ilha do Principe.

Para carga, passageiros e quaesquer esclarecimentos, trata-se:

No Porto: com os agentes H. Burmester & C.ª — Rua Infante D. Henrique.

Em Lisboa: Escriptorio da Empresa — 85 Rua do Commercio.

MAISON PARISIENNE

ELIE LAGARDE & C.ª

Confiserie-Pâtisserie

262—RUA AUREA,—264

Grand assortiment en Dragées et amandes Françaises. Bonbons de Ch. et lat. Grand choix en cartons et articles de Paques. Belle variété en boites de phantasie.

La maison se charge de toutes les commandes concernant sa spécialité.

ARMAZEM DE VIVERES

73, Rua do Carmo, 75

Generos de primeira qualidade

IMPORTAÇÃO DIRECTA

José da Costa

Completo sortimento de productos do Brazil
 Carne secca, linguas do Rio Grande,
 farinha de Seruhy, pimentinhas, etc.

AUTOMOVEIS RECOMMENDADOS * * *
A * * * **Para alugar na praça**
ROCIO
 A. cmovel n.º 875 — chauffeur — Accacio Augusto
 " 787 — " — João Carujo
 " 987 — " — Antonio Paes
 Serviço por taximetro em Lisboa * * * * *
 * * * * * Serviço de theatro e baile
 * **Telephones — 2702 e 2698** *
LISBOA

LUZ ELECTRICA
J. A. LEITÃO
 129, Rua do Salitre, 131—Lisboa Telephone 2623
 Construções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dynamos para corrente continua u alternada.
 lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcs voltaicos resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, p. ára-raios, etc.
Reparação de todo o systema de geratrizes ou electro-motores
 Trabalho de serralheria mechnica e civil
 Canalisações para agua e gaz
Orçamentos gratis
 Rapida execução em todos os trabalhos
 Modicidade em preços
Officinas e deposito—Rua do Salitre, 129

F. I. A. T.

FABRICA ITALIANA AUTOMOBILI TORINO



Automoveis de quatro e seis cylindros, com força de 12 a 100 cavallos

Automoveis para transporte de passageiros e carga

Barcos automoveis de recreio, de guerra e de carga com motores de 12 a 700 cavallos

Motores para usos industriaes e agricolas

F. I. A. T. - PALACE ANTONIO DE HEREDIA

TELEPHONE
2702

Rua do Salitre, 317

LISBOA

End. Telegraphico
FIAT - LISBOA

Accessorios e pneumaticos das melhores marcas

STOCK MICHELIN

Reparações e modificações em automoveis, motores ou barcos de qualquer marca executadas sob a direcção de um chefe montador da casa F. I. A. T.

Construcção e modificação de carroseries — Pinturas — Concertos e carga em accumuladores — Concertos em pneumaticos e camaras d'ar.